

## O VERSO ALEXANDRINO\*

(A F. X. de Novais)

*Et je m'exaspérais, faisant la faute énorme,  
Ayant raison au fond, d'avoir tort dans la forme.<sup>1</sup>*  
V. HUGO – *Les contemplations*

Tressua luz que ferve em sua nobre fronte  
Como o rubor d'aurora em mais amplo horizonte,  
O verso alexandrino; e inda em cheio esplendor,  
Sustendo aos ombros seus esferas de harmonia,  
5 Asas d'ouro batendo aos céus – há pouco – o via  
Nos muros de Sion face a face ao Senhor!

O escultor não esqueceu, não pôs de pé a ideia?  
Bem. – Que importa, em que molde, em que argila, em que areia,  
Lançou fundido e ardente o fúlgido metal?  
10 Que importa ao pescador, o que o mar lhe murmura,  
Quando do fundo sai com pérola segura;  
E torna e volta, e traz um ramo de coral?

Vem sussurrante a estrofe, e na asa branca arrasta  
Da funda solidão – da solidão tão vasta,  
15 Que alma se chama, à terra, o que ela nos mandou?  
De lágrimas molhado, ou d'ouro derretido  
De plácido sorriso o verso vem vestido?  
Cantou, gemeu, sorriu? – Que importa o mais? – Bastou.

---

\* Este poema ocorre em FUT (ano I, n. III, 15 out. 1862, p. 104-106). Editor: José Américo Miranda. Conforme consta de anotação que vem ao pé dos versos, “O versos alexandrino” teve origem no poema “Embriração”, de Faustino Xavier de Novais, que, por sua vez, é resposta ao poema “Aspiração”, que Machado de Assis lhe dirigiu e publicou em *O Futuro*, periódico dirigido por Novais.

<sup>1</sup> *Et je m'exaspérais, faisant la faute énorme, / Ayant raison au fond, d'avoir tort dans la forme.] Et je m'exaspérais, faisant la faute enorme, / Ayant raison au fond, d'avoir tort dans la forme. – em FUT. Versos do poema “A propos d'Horace”. (Cf. HUGO, 1856, t. I, p. 63)*

20 A querida mulher, a quem amor nos prende,  
O que ele geme, e chora, e espera, e crê... entende?  
Não basta? É pouco ainda? Ainda quereis mais?  
O sol não se reflete, e a vida, e a mocidade  
Com todo o fogo e luz, e toda a intensidade,  
Que há neles, nas prisões, aonde os manietais?

25 Por floridos vergéis não cantam passarinhos?  
O rio não saltita e geme entre seixinhos?  
O vento não baloiça os crespos matagais?  
O mar, o dia, a noute, o céu, o campo, as flores  
Não podem dar ruído, amor, perfume e cores  
30 A ti, verso zurzido em versos imortais?

Não pode despenhar-se em rápida carreira,  
Das paixões impelida, ali, vossa alma inteira  
E, como águia, nos céus as asas expandir?  
Correr, subir, descer em largos horizontes,  
35 Com quatro voos só medir todos os montes,  
Deixar o abismo aos pés, de pasmo a boca abrir?

Para um povo de anões, talvez, és tu gigante!  
Para que vens radioso, ó novo e belo Atlante,  
Se os largos ombros teus não têm que carregar?!  
40 O Luís de Camões não te ensaiou ao menos!  
Dante pôde meter em versos mais pequenos  
O inferno, o purgatório, o céu, a terra, e o mar!

Mas ei-lo, corre aqui e tímido cintila:  
Ali vos fita a luz de mórbida pupila;  
45 Cícia, rumoreja, exala-se a gemer,  
Medroso, como um bosque à noute todo cheio  
De aroma a trescalar das sombras do seu seio,  
De vermes a luzir, de folhas a tremer!

Um dia heis vê-lo erguer-se ululante e horroroso,  
50 Como irrompe o leão da furna e do repouso<sup>2</sup>  
Ao sibilar da bala, e ao golpe seu letal,  
Sacudir-se, eriçar a juba flamejante,  
E açoiar o tirano, e o prender, como Dante,  
Na cauda aos pés do tempo – o ancião imortal!

---

<sup>2</sup> repouso] reposo – em FUT. Entendemos que a redução do ditongo não é necessária na escrita, pois ele é reduzido na pronúncia normal. “Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa* / *popa*, *bouba* / *boba*.” (CUNHA, CINTRA, 2007, p.47)

55      Outro dia o vereis armado, como Apolo,  
Vendo erguer-se a cantar das entranhas do solo,  
Das túnicas de pedra erguendo os braços seus,  
Cidades juvenis, coroadas de florestas,  
Lavando os pés no mar, batendo as mãos em festas,  
60      Que as fundas crenças dão de liberdade e Deus.

Outras vezes é silfo; e esvoaçando ligeiro  
Da virgem vai dormir no mesmo travesseiro,  
E segreda-lhe: – Eu sei sorrir ao teu sorrir:  
– Como uma rosa solta à corrente de um rio,  
65      – Em meu seio odorento a tua vida eu guio,  
– Como um sonho a dar flor, e enastrando o porvir!

– Das alvas me ruboro; e encham-me ruídos  
– Do berço inda a vagir, da cova inda os gemidos,  
– E que da voz do amor, e da saudade vêm:  
70      – De tudo o que tem vida, e mexe, e que suspira,  
– Soletra as notas d’ouro a minha eterna lira,  
– De tudo o que tem vida, e que um perfume tem. –

Outras vezes é anjo. – A auréola da beleza  
Na fronte lhe sorri sob um véu de tristeza:  
75      No lábio grave a voz os sons cerúleos tem:  
A mão cândida alaga a luz de um raio imenso!  
Um pé pousa num globo: outro pé ’stá suspenso:  
Com frêmito incessante as asas vão e vêm!

Então parece estar-lhe o mundo confiado,  
80      E empanar-lhe o esplendor, e velá-lo um cuidado!  
A espada da justiça é raio e não é luz!  
A caridade – irmã, entrega-lhe uma lira,  
Da mão lhe cai o raio; o anjo então suspira,  
E o vago pensamento em músicas traduz!

85      – Eu levo – estrofe branca – atada às minhas penas  
– A primavera, a luz, as néveas açucenas,  
– Que pelo chão da vida o homem desfolhou:  
– As agonias levo, e as noites ensopadas  
– De lágrimas sem fim e sem razão choradas,  
90      – Que a loura mocidade atrás de si deixou!

– E o coração, que crê, ama, perdoa, implora,  
– E o coração, que odeia, a treva junta a aurora,  
– Eu levo, e o desespero, e a viuvez, e a cruz!  
– Levo a vítima, e o cepo, e a machadinha, e o algoz.  
95 – A Deus, que – cardo e rosa – a terra assim nos pôs,  
– A Deus, que é chama, e tudo a chama em si reduz! –

Bendito seja o gesto, a voz, o grito, o hino,  
Que move, e fala, e geme, e canta, e seu destino  
É da eterna esperança as almas arroubar!  
100 Feliz eu se entornar em versos tais pudera  
Os sonhos juvenis da minha primavera,  
E a dor, e as ilusões, e a vida enfim cantar!

Oh! natureza, oh! luz, amor, e campo, e flores,  
Bosques cheios de sombra, e cheios de rumores,  
105 Olhos d’oiro da noite<sup>3</sup> em céus azuis... dizai,  
Que verso pode andar sem vossa companhia  
Como esplêndido véu de música e<sup>4</sup> harmonia  
Dando ao vento, que passa, o seu manto de rei?!!

A sátira num dia altiva a frente erguendo,  
110 Qual na trípole a deusa os olhos revolvendo,  
Em verso alexandrino ousou sentar-se audaz!...  
Palpitava-lhe a carne; e as roupas roçagantes  
Laceradas eu vi por seus dedos brilhantes...  
As roupas de frouxel, em que ela própria jaz!

115 Nega o perfume a flor? e nega a flor o galho?  
O galho nega a planta? a planta nega o orvalho?  
O orvalho nega a aurora? a aurora nega os céus?  
Aonde a mente humana a dar consigo iria?  
Negando a aurora o sol, o sol negando o dia,  
120 Negando o dia a luz, e a luz negando a Deus?

Quem o crê? – Salve pois, ó belo alexandrino,  
Que até podes conter em seu furor divino  
A sátira soberba e irrequieta a rugir!  
A sátira em teu colo altiva e reclinada,  
125 Franzindo, e desfranzindo a fronte anuviada...  
E tu vitorioso, e sofrendo-a a sorrir!...

---

<sup>3</sup> noite] noito – em FUT.

<sup>4</sup> e] o – em FUT.

Tendo na fronte a ruga, onde ululam furores;  
Nas convulsadas mãos os raios vingadores,  
Na boca o teu rugido, ó sátira letal,  
Eu te desejo atada ao verso alexandrino...  
Bramar... rugir... morder... que seja o teu destino;  
Que, em paga aos teus desdêns, te faça ele imortal!

1 de outubro 62

LUÍS DELFINO

Estes versos foram originados da sátira *a embirração* (sic), do meu amigo o Sr. F. X. de Novais. A primeira estância refere-se à poesia – *Aspiração* –, do Sr. Machado de Assis, publicada no 2.º número do FUTURO.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

FUT – *O Futuro*.

### **Referências**

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. revista e ampliada. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DELFINO, Luís. O verso alexandrino. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. III, p. 104-106, 15 out. 1862.

HUGO, Victor. *Les contemplations*. Tome I: Autrefois 1830-1843. Paris: Michel Lévy / Pagnerre, 1856.